

MÚSICA

30 JANEIRO – 4 FEVEREIRO 2015

# Hootenanny

Ciclo comissariado por Ruben de Carvalho

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



De sex 30 janeiro a qua 4 fevereiro  
21h30 · M6

#### Ronnie Baker Brooks

Sex 30 de janeiro · Grande Auditório

#### Trio Joe Colombo

Seg 2 de fevereiro · Pequeno Auditório

#### Mingo & The Blues Intruders

Qua 4 de fevereiro · Pequeno Auditório

É perfeitamente defensável que um ciclo de *blues* seja inteiramente preenchido com músicos e formações norte-americanas! Seguramente que resultaria garantida qualidade tal como esse sinuoso valor tão aplicado à música popular de *autenticidade* – pese alguma dificuldade em definir rigorosamente em que consiste a tal *autenticidade*...

Em rigor, ter-se-ia que selecionar essencialmente músicos afro-americanos, embora aí já seja previsível largo e fundamentado debate...

Não tem sido esta a opção das edições do Hootenanny correspondendo, por um lado e naturalmente, a uma necessária gestão de meios, mas, por outro, também a um critério de divulgação.

Temos optado por combinar uma noite no Grande Auditório dedicada a significativos expoentes da matriz dos *blues*, intérpretes afro-americanos, completando o programa com outras expressões de *blues* com outras características, seja pelo recorte solista dos intérpretes, seja pela diversidade geográfica das suas origens.

Este último aspeto alinha inteiramente com um dos objetivos do nosso ciclo. Desde início que sublinhámos visar ele não apenas promover espe-

táculos de qualidade, mas muito em especial dar uma modesta contribuição para alterar um panorama português de pouca divulgação do estilo de música que com toda a justiça se pode considerar nas origens de quase tudo o que se passa hoje na música popular anglo-saxónica (e não só!). Tal objetivo parece ter marcado alguns pontos: não apenas surgiram entretanto diversos festivais ou ciclos dedicados aos *blues* como mesmo nas iniciativas ligadas ao dinâmico panorama do jazz em Portugal eles vão saindo do anterior estatuto de nota de rodapé...

Será talvez de referir que esta situação no nosso país contrasta com outras por essa Europa fora onde se multiplica a presença de músicos norte-americanos, mas, mais significativo, existem numerosas formações nacionais cujas digressões e atuações dos dois lados do Atlântico, só ou acompanhando nomes consagrados, constitui clara demonstração da qualidade adquirida.

Os processos de maturação destas cenas são diversos, desde o caso britânico onde os *blues* (e o *r&b*) constituem na década de 50 do século passado a raiz de que evolui o pop-rock inglês com ligações *bluesy* que se mantêm, até outras surgidas mais na esteira do interesse pelo jazz (Holanda, França) ou então lógicos desenvolvimentos do rock nacional, com destaque para a influência dos grandes guitarristas especialmente americanos.

Um caso contudo merecerá uma referência especial pelos assumidos paralelismos entre um relevante estilo de música tradicional e os *blues*:

a Espanha. Que existem influências africanas no flamenco andaluz, bebidas nos contactos com a cultura de matriz africana nomeadamente no Caribe, é um dado adquirido, mas as familiaridades não residirão tanto nos elementos mais frequentemente definitórios dos *blues* (número de compassos, estrutura métrica, uso das notas *blue*), mas noutra traço igualmente herdeiro da música de África: o característico *call and response*, chamada e resposta, que nos espirituais, *gospel* e canções de trabalho tem uma expressão essencialmente vocal, mas nos *blues* cria um estilo próprio de diálogo entre a voz e o instrumento acompanhante. Logo nos mais tradicionais *Delta blues* se constata que a componente instrumental não é um simples apoio ou ornato melódico/harmónico ao canto, mas antes se constitui como uma segunda voz que interpela e dialoga com a componente cantada.

Com facilidade se encontram aqui afinidades com o flamenco onde idêntico diálogo caracteriza a relação entre o *cantaor* e a guitarra, não surpreendendo pois as incursões caracteristicamente andaluzas no campo dos *blues* (*Pata Negra*, *Ketama*, os irmãos Amador e tantos outros).

Lado a lado com consagrados e versáteis *blues* de Chicago (no caso de Brooks com uma clara ponte ao Texas) poderemos este ano ouvir que *devil music* fazem os nossos fronteirizos vizinhos!



## Ronnie Baker Brooks

Sex 30 de janeiro · 21h30  
Grande Auditório · Duração: 1h30

Guitarra baixo, voz Ronnie Baker Brooks, Ari Seder Bateria Maurice Jones Teclado, voz Daryl Couatts Saxofone Dudley Owens Trompete Phil Perkins Trombone Norman Palm

Na tradição olímpica, quando a tocha é passada de mão em mão, as chamas são também transferidas, mantendo o fogo aceso e, ao mesmo tempo, fazendo-o avançar ao longo do percurso. Esta é uma imagem apropriada para ilustrar a carreira de Ronnie Baker Brooks, o emocionante músico de Chicago cuja guitarra e voz, com alma de fogo, fazem dele o homem da tocha que transporta o blues de tradição urbana.

Como filho do grande cantor e guitarrista de blues, Lonnie Brooks, Ronnie foi desde muito cedo testemunha da evolução do blues de Chicago: “Cresci entre os melhores dos melhores”, lembra. “Sempre que toco, sinto que tenho que fazê-lo com a autenticidade e a paixão que vi em pessoas como Buddy Guy, Muddy Waters, BB King e o meu pai. Mas também tenho que dar o meu toque pessoal: aliás, nenhum desses músicos repetiu o que veio antes deles”.

Com álbuns aclamados como *Golddigger* (1998), *Take Me Witcha* (2001), e *The Torch* (2006), Brooks anima o blues elétrico com infusões de soul, modernas vocalizações hip-hop e ritmos funk.

“Gosto de pensar em como Muddy Waters pegou no blues do Mississippi, que ouviu na sua juventude, e depois o modernizou para o seu tempo, tornando-o elétrico e duro”, explica Ronnie. “Isso é o que eu estou a

tentar fazer para a minha geração. Eu quero pegar no que é autêntico e poderoso nesta música, com a qual cresci, amando-a, juntando-lhe outras influências, sem fazer com que ela perca o coração e a convicção.”

“Quando cresci todos os meus amigos ouviam rap e funk, eu ouvia o blues. Acabei por ouvir a música deles e eles ouviram a minha. Acho que os dois lados descobriram uma ligação”, observa.

Ronnie Baker Brooks nasceu Rodney Dion Baker em Chicago, Illinois, em 1967. “O meu pai disse-me sempre e ao meu irmão Wayne: ‘você vão ser o meu gang, não vão pertencer a um gang de rua.’”

“No início o meu pai tinha trabalho fora, durante o dia todo, e apenas tocava música aos fins-de-semana. Havia nove crianças e cinco de nós ainda estavam em casa. Foi um trabalho realmente incrível para a minha mãe e para o meu pai conseguirem criar-nos, quando ambos estavam a trabalhar”.

“O sonho do meu pai era ter o meu irmão, eu e a minha irmã a tocar guitarra, baixo e bateria para ele ter uma família completa numa banda, mas todos nós acabámos por tocar guitarra. A primeira vez que toquei em palco foi no Pepper’s Lounge, quando tinha nove anos de idade”.

Ronnie acabou o ensino secundário em 1985 e começou a tocar baixo na banda de Lonnie Brooks no ano seguinte. Em 1988, a Alligator Records lançou o álbum de Lonnie, *Live from Chicago: Bayou Lightning Strikes*, que incluiu significativas participações da guitarra de Ronnie.

Em 1998 estreia-se a solo na gravação com *Golddigger*. Em 2000 foi nomeado para o Blues Music Award para melhor jovem artista. Um segundo álbum, *Take Me Witcha*, apareceu em 2001. Depois de vários anos em digressão, Brooks lançou o seu terceiro álbum, *The Torch*, em 2006. Este álbum incluiu contribuições de veteranos do blues: Lonnie Brooks, Eddy Clearwater, Jimmy Johnson e Willie Kent, para além do rapper de Memphis, Al Kapone. Os três álbuns foram produzidos por Jellybean Johnson, cujo currículo inclui êxitos pop de Janet Jackson, Alexander O’Neal, New Edition e Nona Hendryx.

Em 2007, Ronnie Baker Brooks tocou no Notodden Blues Festival, na Noruega. Participou nas edições de 2009 e 2013 do Memphis in May e, em 2013, no Chicago Blues Festival Musikfest.

No início de 2013, Ronnie Baker Brooks deu um passo de gigante para fazer crescer o seu lado criativo quando viajou para os famosos Royal Studios, do falecido Willie Mitchell, em Memphis. Gravou aí um conjunto de canções novas com o produtor/baterista Steve Jordan (Eric Clapton, Keith Richards, John Mayer, Robert Cray), bem como o *The Memphis Horns* e a poderosa *Hi Rhythm Section*, o que incluiu a possibilidade de gravar com o guitarrista Michael Toles e os célebres irmãos Hodges – Teenie, Leroy e Charles. As gravações também contaram com participações de amigos de Ronnie como Angie Stone, Al Kapone, Big Head Todd e o lendário Bobby “Blue” Bland.



## Trio Joe Colombo

Seg 2 de fevereiro · 21h30  
Pequeno Auditório · Duração: 1h30

**Slide guitar** Joe Colombo  
**Guitarra baixo** Gian-Andrea Costa  
**Bateria** Tony Rotta

Jimi Hendrix, Eric Clapton, Jeff Beck ou Johnny Winter são algumas das influências de juventude que Joe Colombo gosta de citar: as horas a ouvir, na juventude, estes grandes músicos, agora clássicos do rock, formaram uma

boa parte do pensamento e estilo deste guitarrista de *blues* e compositor que identifica igualmente influências do *blues-rock* moderno, através de artistas como Stevie Ray Vaughan e Jeff Healey. Colombo nasceu na Suíça mas desde criança foi a música norte-americana, especialmente o *blues*, que esteve presente na sua vida, o que determinou o seu futuro como guitarrista.

Com apenas doze anos o seu amor incondicional pela música e a sua dedicação ao *slide guitar*\* conduziu Joe para o *blues* e fê-lo desenvolver um som único e pessoal que facilmente passa do *blues-rock* para as virtuosidades acústicas do *blues* do delta. Joe encontrou a sua posição artística ideal, um estilo que

se pode localizar entre Johnny Winter, Stevie Ray Vaughan e Freddie King.

Com 21 anos partiu para os EUA e, após seis meses de experiência a tocar, compor e descobrir o *blues* a partir das suas raízes geográficas, ficou pronto para gravar o seu primeiro álbum. Era 2002 quando compôs, em Los Angeles, o todo instrumental *Natural Born Slider* (disco lançado pelo selo italiano Cometa/Horizon) que impressionou os críticos e, mais tarde, lhe deu a oportunidade de contribuir para os álbuns de homenagem oficial a Jimi Hendrix, *Voodoo Travessia* e *Gypsy Blood*, ao lado de artistas internacionais como Robben Ford, Steve Lukather, Larry Coryell e Hiram Bullock.

Desde então Joe tocou em toda a Europa e América do Norte. Em 2004 conheceu Terry Evans – ex-vocalista de Ry Cooder e Eric Clapton. Gravou um álbum com Evans e, nos anos seguintes, os dois trabalharam e viajaram juntos, principalmente nos EUA. Os dois sons e os dois mundos de Joe e Terry fundiram-se tão bem que, desde 2005, o dueto deu inúmeros espetáculos em ambos os lados do Oceano Atlântico.

Em 2009, Joe decidiu lançar o seu segundo álbum de estúdio, *Deltachrome*, seguido em 2012 por *Live at Taco's*. Voltou ainda à pátria do *blues* para recolher novas experiências musicais e para participar em duas grandes digressões nos EUA como guitarrista e membro da Terry Evans Band.

Joe Colombo vive atualmente em Cracóvia, Polónia. Está em digressão e promove um novo projeto acústico com a cantora polaca Kasia Skoczek

enquanto trabalha num projeto elétrico ambicioso que vai trazê-lo de volta para os EUA em 2015 .

As origens de Joe Colombo estão relacionadas com a Europa mas é óbvio que ele nasceu para tocar música relacionada com a cultura norte-americana. Os *blues* também lhe pertencem.

\* *Slide guitar* é uma forma de tocar guitarra, em que se utiliza no dedo anelar ou mínimo um pequeno tubo oco cilíndrico, feito de metal, vidro ou cerâmica, com o objetivo de alterar o tom em que se toca, deslizando esse tubo pelas cordas da guitarra. (in Wikipedia)



## Mingo & The Blues Intruders

Qua 4 de fevereiro • 21h30  
Pequeno Auditório • Duração: 1h30

Harmônica, voz Mingo Balaguer

Guitarra Quique Bonal Guitarra baixo Fernando  
Torres Bateria Juan de La Oliva

Depois de uma longa experiência em bandas de *blues* de êxito assinalável como as Caledonia Blues Band, The Blues Machine ou The Blues Blasters, que resultaram na publicação de sete discos, Mingo Balaguer, um prestigiado

músico espanhol, tomou a decisão, no início do verão de 2002, de liderar um quarteto com músicos que tenham andado lado a lado durante anos, com os quais não existissem segredos musicais, que com um simples olhar soubessem o que tinham de fazer no palco e, acima de tudo, que partilhassem “boas vibrações”. Para os apaixonados pelo *blues* em Espanha era claro que essas pessoas tinham de ser estas: Quique Bonal (guitarra) Fernando Torres (baixo) e Juan de La Oliva (bateria).

Mingo Balaguer (harmônica e voz) vive já uma longa experiência como *bluesman*. Dividiu o palco, ao longo dos anos, com músicos como Hubert Sumlin, Louisiana Red, Johnny Winter,

Magic Slim e outros. Também teve o privilégio de tocar com músicos da estirpe de Charlie Musselwhite, Carey Bell, Gary Primich, Kenny Neal, Bruce Ewan, Bobby Radcliff, Charlie Sayles, Paul Lamb, Jerry Portnoy, Otis Grand, Igor Prado, Sugar Ray Norcia, RJ Míscho e Sherman Robertson.

A proposta do quarteto que Mingo agora lidera pretende abranger uma ampla gama de estilos dentro do campo do *blues*, o que levou à formação de um repertório que inclui influências que vão do mais puro estilo tradicional de *blues* elétrico de Chicago ao som da costa oeste californiana, passando pelo *Jump* – o *blues* em estilo texano.

Mingo & The Blues Intruders não só viajou praticamente por todo o território espanhol, participando em inúmeros festivais de *blues* e jazz, como teve a oportunidade de fazê-lo em lugares como Guadalajara (México) em 2005, Berlim em março de 2012, Luxemburgo em julho de 2012 e Sofia (Bulgária) em novembro de 2012.

Em março de 2008 o quarteto lançou o seu primeiro álbum, em CD e vinil, chamado *Goin' West*.

Em novembro de 2010, as companhias Cambayá/Karonte editam o segundo álbum da banda, *Fun To Visit*, um CD gravado ao vivo no clube de *blues* Cambayá, que apresenta assim uma produção do lendário Mike Vernon, o britânico que nos anos 60 produziu a maioria dos grupos de *blues* britânicos e um grande número de artistas norte-americanos “vizinhos” do género como The Bluesbreakers, David Bowie, Duster Bennett, Savoy

Brown, Chicken Shack, Eric Clapton, Fleetwood Mac, Peter Green, John Mayall, Ten Years After, Freddie King, Lazy Lester, George Hca., Smith e muitos mais.

Em março de 2013, sob a etiqueta Música Fundamental sai o terceiro álbum da banda, intitulado *Wild Wild Woman*. Neste trabalho o Mingo & The Blues Intruders é acompanhado, em duas faixas, por duas vozes femininas deslumbrantes, Pamela Soule e Vicky Lua. Também lá estão os grandes Lluís Coloma e Jesus Lavilla, ambos em órgão Hammond e piano.

Textos de Ruben de Carvalho

# Toumani & Sidiki Diabaté

Música Sex 6 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



Corá Toumani Diabaté, Sidiki Diabaté

Numa rara colaboração entre pai e filho, Toumani Diabaté, génio da música africana (que esteve em maio de 2008 na Culturgest num concerto a solo extraordinário, como todos os que assistiram se lembram), e unanimemente reconhecido como o maior tocador vivo de corá, gravou um disco de duetos com o seu filho mais velho Sidiki, a estrela emergente do mesmo instrumento, digno sucessor de seu pai, como é uso dizer-se.

Descrito como “a mais bela colaboração de Toumani, desde o seu trabalho clássico com Ali Farka Touré” (*The Guardian*), *Toumani & Sidiki* é um diálogo conduzido através da corá, o instrumento da África Ocidental, de 21 cordas, que a dinastia Diabaté transformou no mais icónico dos instrumentos africanos. As ligações entre Toumani e Sidiki são particularmente profundas e evocativas. Descendentes de uma

linhagem de 70 gerações de *griots* – guardiões das antigas tradições orais do povo Mandé, da África Ocidental, que têm setecentos anos de existência – pai e filho são nomes fundamentais nos anais da música africana. Já o pai de Toumani, com o mesmo nome do neto, Sidiki, gravara o primeiro disco de corá e era conhecido como o “Rei da corá”.

O álbum *Toumani & Sidiki*, que está na base do concerto desta noite, foi gravado quase sem ensaios prévios (alguns dos temas não foram sequer ensaiados), como um concerto ao vivo. A crítica de todo o mundo é unânime nos elogios entusiásticos ao disco.

Um grande concerto, inesquecível, nos espera.

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

**Estagiários:**

Ana Pessoa

Bruno Pereira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

**Estagiária:**

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt